

Ministério do Turismo, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro,
Secretaria Municipal de Cultura apresentam



MUSEU DE ARTE DO RIO



**O OLHAR
DOS VIZINHOS
NO JORNAL
DA ZONA**

RIO DE JANEIRO – OUTUBRO DE 2020 – 3ª EDIÇÃO

É com muita honra e grande alegria que o Instituto Odeon, entidade responsável pela gestão do Museu de Arte do Rio desde a sua inauguração, em 2013, apresenta a terceira edição do **Olhar dos Vizinhos no Jornal da Zona**. Fruto do programa Vizinhos do MAR, foi feito coletivamente e expressa a pluralidade de vozes, saberes e cores da região portuária, como nos conta aqui embaixo o coordenador de Educação e *cria* da Providência, Hugo Oliveira. Boa leitura!

Carlos Gradim

Diretor-presidente do Instituto Odeon

“*O Hugo vai ser o novo coordenador da Escola do Olhar?*”

Visitante do Museu

Se alguém me contasse que o Museu de Arte do Rio teria um jovem, negro e favelado, morador do Morro da Providência, como coordenador da Escola do Olhar, há sete anos, eu mesmo não acreditaria. E essa foi a reação de uma visitante ao me ver sendo apresentado à equipe da biblioteca, durante o processo de acolhimento institucional entre os setores do MAR, em março deste ano.

Essa realidade estrutura o Brasil e está tão bem consolidada que, ao anúncio de uma pequena mudança, o mais comum é se surpreender e questionar. Contudo, apesar da surpresa, fui bem recebido e hoje sei que o espanto, entre tantas possibilidades, era em direção positiva.

Portanto, quero fazer jus ao trabalho iniciado, dando continuidade ao que foi construído, a muitas mãos, na coordenação de Educação. Um espaço que busca acolhimento aos que não frequentam museus, para além da obrigatoriedade de políticas museológicas de relacionamento com território, sabendo como lidar com as muitas feridas geradas no processo de reurbanização da região portuária e, aos poucos, caminhar com os que se interessam, sobre a importância de fazer juntos um museu a partir das memórias, dos saberes e das experiências locais na busca por seguir firmando o papel social dos museus.

Chegando na “humildade” e fazendo a Escola do Olhar do jeito que somente a singularidade que um corpo preto, favelado e de trajetória distinta carrega. Esta é a terceira edição da publicação *O Olhar dos Vizinhos no Jornal da Zona* ou, como chamamos, o *Jornal dos Vizinhos*: o primeiro material impresso com meu nome como coordenador. Uma responsabilidade que conflui múltiplos interesses e que acredito que o poder da inventividade favelada que me auxiliará nesta complexa realização.

É isso! Tempo de muitas mudanças, até mesmo de como pensar sobre nós mesmos. Nesta edição, trouxemos matérias discutidas e pensadas nos últimos quatro encontros com os vizinhos, apesar dos desafios do contexto da pandemia e das mais de 150 mil saudades que ela deixou. Ainda assim, resistimos e avançamos com o árduo desafio do uso da tecnologia em dois tele-encontros que, ao final, resultaram em editoriais que abarcam ações, projetos, personagens e memórias da região, que, agora, não são apenas escritos pelos vizinhos, mas também coordenados pelo vizinho que vos escreve. Desejo uma boa leitura a todes!

“*Oi! Sim, serei eu mesmo!*”

Hugo Oliveira

Coordenador de Educação do MAR

O OLHAR DOS VIZINHOS NO JORNAL DA ZONA

OFÍCIOS E SABERES DA REGIÃO

Mobgrafia
com Douglas "Dobby" Oliveira



04

PERSONAGENS DA REGIÃO

Mestre Grauna



06

PERSONAGENS DA REGIÃO

Rodrigo Cerqueira



09

ENSAIO VISUAL

Pequena Escola de Fotografia -
Casa Amarela



12

REGIÃO PORTUÁRIA HOJE

Pré-vestibulares da região



16

REGIÃO PORTUÁRIA HOJE

Libertem Nosso Sagrado



18

REGIÃO PORTUÁRIA HOJE

Circuito Cultural Pequena África



22

CRÔNICA

Precisa-se de Vizinhos
por Raptael Vital



25

COMPLEMENTO

Percursos Formativos



26

OFÍCIOS E SABERES DA REGIÃO

Mobgrafia

com Douglas "Dobby" Oliveira



por Elisa Carvalho

A oficina Ofícios e Saberes da Região Portuária é uma atividade que se desdobra do programa Vizinhos do MAR e convida os moradores da região a compartilhar seus saberes com os demais. Em setembro deste ano, o artista Douglas "Dobby" Oliveira, morador do Morro da Providência, convidou o público a experimentar a fotografia, por meio de celulares e tablets, instruções teóricas e aplicações práticas. Utilizando seus próprios recursos e dentro de suas casas, em razão da permanência em isolamento social, vivido desde março por conta da pandemia, a oficina MOBGRAFIA propôs a produção artística e o movimento em rede.

Elisa Carvalho, moradora da região, participou da oficina remotamente e relata a experiência.

"Ao observarmos uma foto, o que sentimos? Como ela nos afeta? E ao tirarmos uma foto, que história queremos contar? Que memória do agora deixamos para nós e para o outro? Cada resposta terá em si a vivência individual.

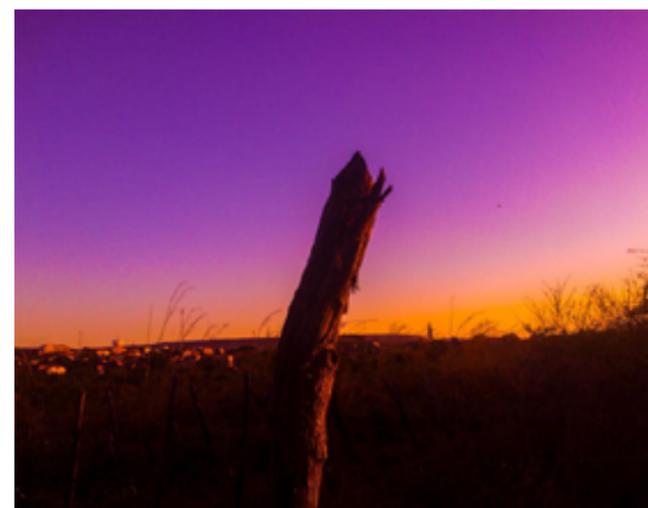
Com o intuito de achar respostas para essas questões, foi realizada mais uma edição de Ofícios e Saberes da Região Portuária com o tema MOBGRAFIA (fotografia no celular). Douglas Oliveira, mais conhecido como 'Dobby', nos trilhou nessa caminhada de estudo introdutório sobre elementos da composição da fotografia, aplicativos de edição e uma troca intensa sobre como captar o que nos seduz esteticamente com a qualidade do celular.

O elemento mais importante, na minha visão, foi a narrativa. Douglas nos lembrou que fotografia não é só posicionar a câmera e captar algo, mas é ter olhos atentos, focados e sensibilizados pelo que acontece ao nosso redor. 'Antes de tirar uma foto, observe...' Talvez seja essa a função mais bela da fotografia: nos ensinar a parar e observar o que cativa. Nos últimos meses, comecei a pensar muito sobre o espaço, as pessoas,

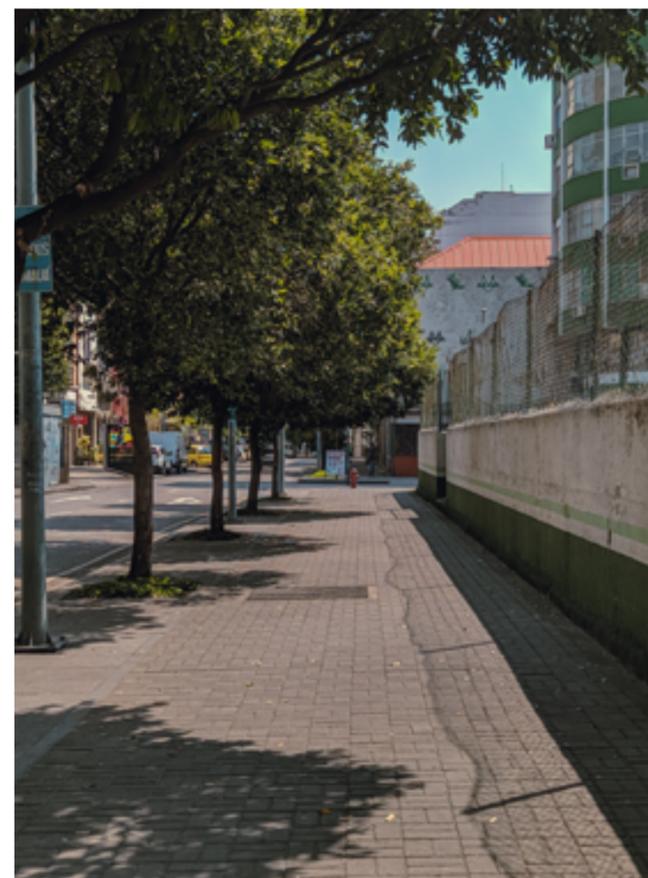
as memórias, o cotidiano, quase que bobo, do Morro da Providência. E, com muito receio e curiosidade, observar e fotografar as ladeiras, a arte nas paredes, as casas, as pessoas e como elas se relacionam.

As fotos do Douglas me lembram que somos mais: somos divertidos, corajosos, artistas, curiosos, estudiosos, pensadores, contadores de história, professores, alunos, engenheiros, pedreiros e o que mais a gente quiser. Reconhecer, ressignificar, ouvir e contar uma nova história: tá aí o significado da fotografia pra mim. E, como Douglas lembrou muito bem, ser um mar de oportunidades."

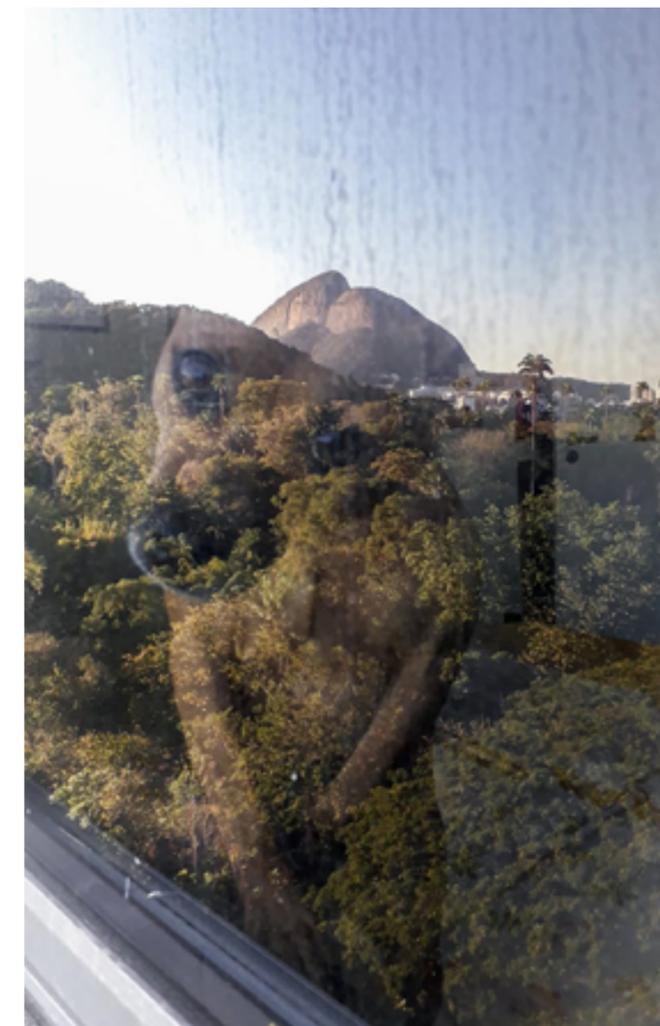
Douglas nos lembrou que fotografia não é só posicionar a câmera e captar algo, mas é ter olhos atentos, focados e sensibilizados pelo que acontece ao nosso redor



Felipe Alves



Elisa Carvalho



Anitta Bartholo

PERSONAGENS DA REGIÃO

Mestre Graúna

por Gabriel Catarino



Célio Augusto Braga chegou à região portuária do Rio de Janeiro com 10 anos e, aos 24, mergulhou no universo das capoeiras de rua. Hoje com 61 anos, Mestre Graúna do Porto se considera patrimônio cultural da região. Fundador do bloco carnavalesco Alegria Portuária e atuante há mais de 30 anos na disseminação do jogo de capoeira no Rio, Graúna concedeu uma entrevista ao vizinho Gabriel Catarino na tarde do dia 17 de agosto de 2020, na Praça da Harmonia, localizada na região da Gamboa. Na entrevista, disponível a seguir, o mestre fala sobre o futuro da capoeira, a ancestralidade e vertentes do jogo, sua trajetória e contribuições para a cultura da região.

Foto: Ramon Luz

Mestre Graúna do Porto é uma figura emblemática, uma estrela que escreveu sua história dentro do universo da capoeira

“Vamos ler aqui relatos com um valor social, cultural e histórico muito grandes não só para quem gosta de capoeira, mas também para que vão levar esse acervo adiante. Mestre Graúna do Porto é uma figura emblemática, uma estrela que escreveu sua história dentro do universo da capoeira. Trata-se de um homem de valor, um batalhador que lutou contra as adversidades, contra a elite que não reconhece o trabalho da capoeira como arte e cultura, mesmo sendo um bem tombado pelo governo. Graúna executou trabalhos no antigo Centro Cultural José Bonifácio, que hoje é o Museu da História e Cultura Afro-Brasileira, e trabalhou também dando aulas no Largo São Francisco da Praia e na Praça da Harmonia, além das escolas da região, do bairro. Tudo isso num trabalho de doação, amor e carinho. É importante registrar que, além da contribuição para a cultura, a arte e a história, Mestre Graúna do Porto é um símbolo de resistência, de luta e de valorização. Eu quero agradecer a todos os leitores e dizer: valorizem mais a capoeira e a cultura da região como um todo. Quem vos fala é Gabriel Catarino, morador da região portuária há 51 anos. Boa leitura!”

GABRIEL CATARINO

GABRIEL CATARINO – Grande Graúna, estamos aqui diretamente da Praça da Harmonia, no bairro da Gamboa, onde o senhor traçou sua história de mais de 30 anos dentro do universo da capoeira, trabalhando e executando suas atividades para crianças, jovens e adolescentes. Célio Augusto Braga é uma estrela dentro da região portuária que precisa ser reconhecido e valorizado por todos. Conte para nós sobre as suas origens, como você chegou até aqui e de que forma você desenvolveu o seu trabalho?

MESTRE GRAÚNA – Eu cheguei no bairro da Saúde, que é conhecido como Gamboa, em 1971. Sou natural da fazenda Santo Antônio, na região serrana, e vim para cá aos 10 anos. Comecei a conhecer as capoeiras de rua aos 24, visitando rodas da região, como a da Central do Brasil, do Largo da Carioca e da Quinta da Boa Vista. Nessa época, conheci muitos capoeiristas aqui no bairro da Saúde, que faziam o jogo mesmo antes de a capoeira se tornar um trabalho social. Nessas andanças eu conheci o Mestre Duda Pirata que, trazido pelo saudoso Renato Branco, se instalou na Escola José Bonifácio com o trabalho cultural Afoxé Águas de Oxalá para dar aulas a crianças e adolescentes da comunidade. Eu tinha 25 anos no meio de crianças e adolescentes praticando a capoeira. Cerca de cinco anos depois, Mestre Pirata precisou viajar para estudar e me passou o bastão para seguir desenvolvendo o trabalho na escola, que hoje é o Museu da História e Cultura Afro-Brasileira (Muhcab). Lá, eu dei aula entre 1985 e 2010. Daí em diante passei a trabalhar em diversas instituições, como o Instituto Central do Povo, em uma academia no Jacaré, bairro da zona norte do Rio, no Colégio Benjamin Constant, que fica em Santo Cristo, e outras escolas e centros da região. Também passei a dar aulas aqui na Praça da Harmonia, que eu faço até hoje. Estou planejando fazer um trabalho futuro no Quilombo da Pedra do Sal, que é o meu lugar também. Estou lutando para deixar esse espaço pronto e poder realizar todos os meus trabalhos lá. E, enquanto isso não acontece, eu vou desenvolvendo meu trabalho como posso aqui nas praças e em alguns recintos fechados quando tenho oportunidade.

GABRIEL CATARINO – O que o senhor espera que a capoeira deixe como legado histórico para as gerações futuras daqui a dez anos?

MESTRE GRAÚNA – A capoeira daqui a dez anos terá sofrido várias mudanças, como sofreu dos últimos 50 anos para cá. Desde os primórdios vem sofrendo mudanças; desde a capoeira angola, do Mestre Bimba, que deu origem à Luta Regional Baiana e, logo depois, veio a capoeira regional. Atualmente, nós estamos vivendo a fase da capoeira contemporânea, que é uma vertente e que, na verdade, não é jogada como originalmente, lá nos primórdios. Não se joga como a capoeira angola, introduzida pelo Mestre Bimba nos anos 1932 e 1934, que passa por diversos movimentos para separar a capoeira angola, que era tida como a capoeira de vagabundos, era marginalizada. Depois de tudo isso, o que está aí é a dita capoeira contemporânea, que introduziu outros movimentos. O que a gente vê hoje em dia é que, quando o cara vê que não tem mais jogo, ele já agarra o outro e leva para o chão. Dá um mata-leão e acabou a capoeira. Eu percebo que já começou a acabar a essência. A ancestralidade do jogo não vai morrer, mas sua essência está se perdendo e, daqui a dez anos, com certeza estará pior.

Agora, por exemplo, se criou a Capoeira de Cristo. Me pergunto como vai ser isso? Onde estão os velhos mestres entendidos para discutir sobre esse movimento? E mais: como serão os novos capoeiristas que estão nascendo agora e que, futuramente, vão começar a treinar a “capoeira de Cristo”? Eu acho isso uma lavagem cerebral. Isso é coisa da igreja, que surge quando uma coisa dá lucro e tomam para si. O sistema perverso toma tudo o que o negro cria, toma tudo o que o preto cria, como já fizeram com outros trabalhos de rua, como fizeram com as feiras de rua. É o que eu digo: se cobrir vira circo, se cercar vira cadeia.

Então, dito isso, eu não espero muito pela capoeira, eu só espero que lutem. Hoje eu estou com 61 anos, daqui a 10 anos eu estarei com 71.

O Graúna está vivo. Estou no anonimato, mas estou vivo. E deixo minha mensagem aos novos capoeiristas que se dedicam à capoeira: levem a sério e não deixem a nossa história afrodescendente morrer



Não estarei mais jogando mais capoeira, mas vou estar vivo com certeza. Ainda vou assistir muita coisa ainda. Eu espero que os alunos de hoje abram bem os olhos, e se dediquem a ir lá no fundo da cultura, lá no foco, na escravidão, para saber o que é capoeira. Não vai direto nessa Capoeira de Cristo, não. Tem muita enganação aí.

GRAÚNA E O CARNAVAL DO PORTO

GABRIEL CATARINO – Você é o sócio-fundador do bloco carnavalesco Alegria Portuária. Nos conte um pouco sobre essa história.

MESTRE GRAÚNA – Nos anos 2000, o primeiro bloco a ser criado por aqui foi o Alegria Portuária por meio de um trabalho social, em abril de 2004. A diretora

do projeto perguntou se eu conhecia um bom professor de percussão, e eu indiquei o meu Mestre Pirata, até mesmo porque o trabalho tinha uma remuneração para os instrutores e fazedores de cultura. A remuneração tirava-os da margem e os colocava dentro da realidade ao ser ressarcido pelo trabalho feito. Desenvolvendo com os alunos da percussão, nós criamos o Alegria Portuária: um bloco carnavalesco, recreativo.

Um pouco depois, fui convidado para participar da fundação do Cordão do Prata Preta, mas eu não quis devido a minha gestão no Alegria Portuária. Então, antes de ser criado o Cordão, em 2007 eu fui convidado para protagonizar um filme sobre a figura do Prata Preta, um capoeirista e estivador, líder temido e rebelde do reduto da Saúde. O filme

não chegou a ser finalizado por falta de verba, mas filmamos muitas partes, percorrendo a região. Em 2005, as partes prontas do filme foram vendidas para o ator Lázaro Ramos.

Hoje o Alegria Portuária está fora da liga. Está parado por algum tempo por causa de falta de recursos, mas nós estamos vivos. O bloco é um patrimônio cultural, assim como a capoeira que é um patrimônio imaterial reconhecido no mundo. Eu também já me tornei um patrimônio cultural, porque eu já passei dos 60. O Graúna está vivo. Estou no anonimato, mas estou vivo. E deixo minha mensagem aos novos capoeiristas que se dedicam à capoeira: levem a sério e não deixem a nossa história afrodescendente morrer.

PERSONAGENS DA REGIÃO

Rodrigo Cerqueira



Foto: Acervo da família

Rodrigo – Uma Vida

por Pedro Guilherme Freire e Vladimir L. Santafé

Quando eu morava próximo à Praça da Harmonia, passava muito pela Rua do Livramento no fim da tarde após sair do trabalho e buscar as crianças na escola. Era sempre uma festa ou, como dizem, aquela “zoeira” ao ver o professor passar enrolado em bolsas e crianças. Os garotos ficavam sentados em frente à porta ouvindo música, conversando, e me lembrando que eu tinha de “fortalecer” para eles passarem de ano. Às segundas-feiras, se arrumavam cedo pois era dia de Pedra do Sal. Todos eram meus alunos, com exceção de um: o Rodrigo – que também se tornaria meu aluno neste ano no mesmo colégio dos irmãos e amigos da rua. Tivemos pouco contato, pois em março as aulas pararam por causa da pandemia e hoje ele já não está mais entre nós. O nosso último debate em sala foi sobre infância e os direitos da criança e do adolescente. Foram muitas histórias de arrancar risos e reflexão, de chineladas, cabos de vassoura e marcas de fio. Perguntas sobre como crescemos, fomos educados e o significado da violência em nossas vidas. Rodrigo estava com uma camisa branca, sentado à minha frente, e isso não esqueço.

Quando as pessoas falam do Rodrigo, as lembranças e as palavras são comuns: um menino bom, alegre, sempre com o sorriso no rosto. Presença sem furo em festas e rodas de samba. O estudante tranquilo, querido por colegas de sala e por seus professores, que enfrentava as dificuldades de visão e sempre se sentava na primeira fileira para poder copiar a matéria.

Rodrigo Cerqueira da Conceição, de 19 anos, morador do Morro da Providência, gostava de estar perto dos amigos e de frequentar a rua, os sambas e as festas, como grande parte dos colegas de sua idade. O jovem foi assassinado por policiais militares na tarde do dia 21 de maio de 2020, durante a distribuição de cestas básicas a moradores da Providência. O estudante e vendedor ambulante estava trabalhando na Ocupação Elma, na Rua do Livramento, quando foi atingido.

Em memória de todos os jovens negros assassinados a cada 23 minutos no Brasil*, este tributo se dedica às lembranças de uma juventude pulsante e potente interrompida pelo projeto de extermínio de uma população. O depoimento a seguir foi escrito pelos produtores do média-metragem *Rodrigo – Uma Vida*, Pedro Guilherme Freire e Vladimir L. Santafé. O filme está disponível na íntegra no YouTube para o público.

*Dados do Mapa da Violência (2016).



O jovem brincalhão e, também, trabalhador, que vendia picolé na praia, no Carnaval subia e descia a rua com o isopor e o triciclo, e com sua tia trabalhava em uma barraquinha em frente ao Hospital dos Servidores. Assim, em *Rodrigo – Uma Vida*, amigos, familiares e professores definiram o estudante do Colégio Estadual Reverendo Clarence, Rodrigo Cerqueira, assassinado dentro da Ocupação Elma, na Rua do Livramento.

Ainda parece que o dia 21 de maio foi ontem. As coisas aconteceram tão rapidamente e, mesmo assim, três meses depois, continuam sem resposta. Ainda estávamos no início da pandemia, era a quinta semana de distribuição de cestas básicas organizada por professores e estudantes do colégio do Rodrigo, do Pré-Vestibular Comunitário Machado de Assis e da Escola Municipal Francisco Galotti, todos no Morro da Providência. Na semana anterior, no dia 13, Rodrigo e alguns amigos da escola subiram os “ingleses” para pegar uma cesta. Como não sobrou nenhuma, o colocamos na lista de entrega da semana seguinte. Todas as semanas fizemos a entrega às quartas-feiras; mas, desta vez, por um atraso, fizemos no dia 21, uma quinta. E na quinta semana de ação solidária, a crueldade. Lembro que eu

estava subindo a ladeira da escola, ainda perto do portão, quando ouvi o disparo. Uma ação de estúpida covardia tirava a vida de mais um jovem negro no Brasil.

Rapidamente, a polícia divulgou em jornais que o jovem morto era traficante e que com ele foram encontradas armas e drogas. Sabemos que não era assim, que não foi assim. Na verdade, infelizmente, quando falamos de corpos pretos mortos, é quase sempre assim. Uma execução sem direito de defesa, um jovem sem passagem por delegacias de polícia, sem ficha criminal, mas que aparece morto em posse de “flagrantes” que o condenam e inocentam seus assassinos. Como no caso da menina Ágata, do adolescente João Pedro, como nos casos de tantas outras crianças e jovens negros assassinados pela polícia, o sentimento de justiça é nossa principal companhia. Por isso, desde o primeiro minuto após a sua morte, muitas pessoas se levantaram para dizer a verdade: Rodrigo era estudante, trabalhador e estava na fila para receber uma cesta básica que infelizmente não pôde receber, pois foi assassinado antes.

Em 2019, eu e a professora de história, Lenna, iniciamos um projeto chamado Nossa Escola, Meu Lugar, Nossas Histórias:



Etnografia e Memória Social da Área Portuária. Em dois meses, os alunos realizaram 80 etnografias em lugares considerados importantes para eles nos bairros em que residem (Caju, Santo Cristo, Gamboa e Saúde). Lugares vividos e construídos por eles, por seus familiares, antepassados e amigos. Por meio das memórias dos jovens moradores da área portuária que tiveram a transição da infância para a juventude, logo percebemos que o elemento mais marcante de suas narrativas é a violência. Ela é um elemento central nas memórias e etnografias produzidas por eles. A maior parte dos relatos que fazem sobre suas ruas e seus bairros é marcada por tiros e mortes. Como escreveu uma aluna do 2º ano: “Há mais ou menos três meses, meu irmão foi morto pelos policiais que, ao invés de proteger, matam e agridem. É claro que me marcou, óbvio, porque ele morreu, mas marcou mais porque ele morreu em meus braços (aluna do 2º ano)”.

Pedimos para os estudantes, no desenvolvimento do trabalho, contarem uma história marcante sobre si na rua onde moram. Ela podia ser alegre, triste, engraçada, como quisessem. Noventa por cento dos trabalhos narraram casos de violência ou relacionados a ela: “O que mais marcou

minha infância, onde moro, foi quando a polícia prendeu o meu pai. Essa é a lembrança mais triste da minha infância (aluna do 3º ano)”. Muitas vezes, lendo as histórias, parece que estamos em um filme de ação policial em que o ritmo dos tiros embala os personagens em cena. Um dos trabalhos foi realizado por um irmão de criação do Rodrigo que entrevistou seu pai. Rodrigo foi assassinado na Rua do Livramento, a mesma rua descrita abaixo alguns meses antes:

“A Rua do Livramento era uma rua com muito movimento, pois tinha muita empresa, como a Rádio Tupi que se mudou para São Cristóvão. Teve uma chacina no Cemitério dos Ingleses, morreu um bocado de gente. Na época de operação do Exército, sumiram com três jovens, até hoje ninguém encontrou os corpos. Uns dizem que os policiais levaram eles para o morro de outra facção e falaram que os policiais largaram eles lá. Policiais já fecharam clínica de aborto na Rua do Livramento. A Rua do Livramento não livra nada. Aqui nada passa batido, as crianças que moram na rua já crescem revoltadas porque, desde menor, já convivem com a violência”.



Fotos: Acervo da família

O filme *Rodrigo: Uma Vida* é um chamado contra a realidade acima e parte da luta de seus amigos e familiares em defesa de sua memória. A memória de mais um jovem negro, estudante e trabalhador, no alvo dos chamados Autos de Resistência, em que agentes do Estado confirmam sua “autoridade” e “legitimidade”, sua absolvição, para matar impunemente. Em nosso filme, tentamos apresentar as contradições do discurso policial e provar a inocência de Rodrigo por meio de depoimentos de amigos e familiares, professores da escola onde estudava, militantes da área portuária, além das imagens de atos em sua homenagem, algumas captadas no momento de sua morte. O filme em memória do jovem Rodrigo está disponível no YouTube. Com pouco tempo e material, com edição e roteiro compartilhado do amigo Vladimir Santafé, buscamos trazer o depoimento de suas mãe, irmã e tia, de amigos, professores, de quem testemunhou o trágico acontecimento que interrompeu à bala a vida de mais um jovem. Como diz a carta escrita por todos os professores do colégio onde Rodrigo estudava: não podemos deixar que a narrativa policial o mate pela segunda vez.

No filme, destacamos os depoimentos de quem conhecia Rodrigo em seu dia a dia, em sua realidade. Coletamos esse material com precariedade, mas envolvidos no sentimento de verdade e justiça que nos alimenta. A morte de Rodrigo Cerqueira encarna a morte de milhões de jovens negros espalhados pelos “becos e vielas” das favelas e periferias brasileiras, uma morte que desnuda as políticas de segurança pública praticadas por todos os governos que ocuparam o poder nas instâncias executivas do país, em maior ou menor grau. Nosso filme é um documentário em formato de “reportagem”, um cinema direto que busca na materialidade e nos afetos que compunham a vida de Rodrigo a sua forma de expressão. Lutamos por verdade e justiça, antes de tudo, por isso fizemos um filme “depoimento”, um filme “panfleto”, um filme que expõe “as veias abertas” de um país que assassina seus jovens para manter as riquezas concentradas nas mãos de poucos magnatas de uma elite branca, conservadora e genocida, que coloniza e explora nosso povo há centenas de anos. Nosso filme é um grito de liberdade.

As imagens a seguir são uma celebração da potência, da alegria e das cores dos nossos alunos e da Providência

ENSAIO VISUAL Pequena Escola de Fotografia – Casa Amarela

por Thayná Bonin e Ana Bia Novaes

Esta exposição, com curadoria das professoras Thayná Bonin e Ana Bia Novaes, e a colaboração essencial da coordenadora da Casa Amarela, Nina Soutoul, reúne algumas das imagens produzidas pelos alunos da Pequena Escola de Fotografia da Casa Amarela Providência ao longo deste ano. Fica evidente a enorme quantidade de alegria, cores, flores e beleza que eles captaram através de suas lentes, fotografando espontaneamente aquilo que lhes chamou atenção no Morro da Providência e seus arredores. Além do interesse pela fotografia, os jovens participantes demonstraram uma vontade de crescimento como coletivo, apoiaram-se e transmitiram um pouco do que os fundadores da Casa Amarela, Maurício Hora e JR, sempre quiseram ver florescer na sua idealização do centro artístico e cultural para a comunidade: um olhar alegre e puro da realidade da juven-



tude da Providência. Um olhar que, apesar das guerras e das dificuldades, está cheio de amor e orgulho pela favela da sua infância.

As imagens a seguir são uma celebração da potência, da alegria e das cores dos nossos alunos e da Providência. A estrutura dessa expo foi montada pelos jovens em oficina de marcenaria com a designer Lu Loureiro. Nossos alunos fazem parte do Coletivo Jovens da Lua – portanto, essas fotografias estão à venda e sua renda é destinada ao próprio projeto, para continuarmos financiando cursos e atividades para nossos alunos.

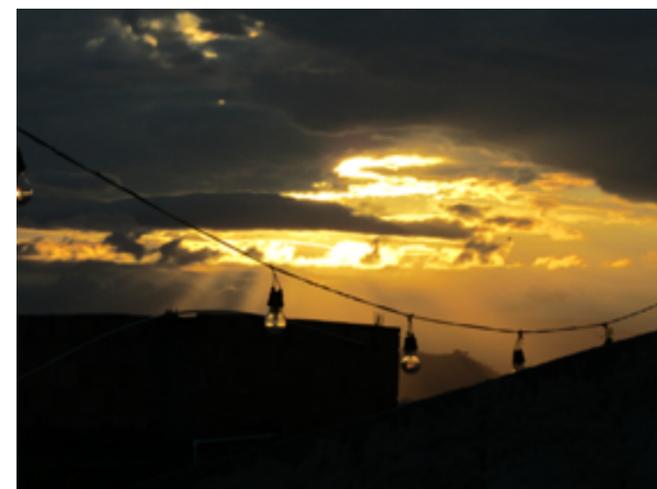
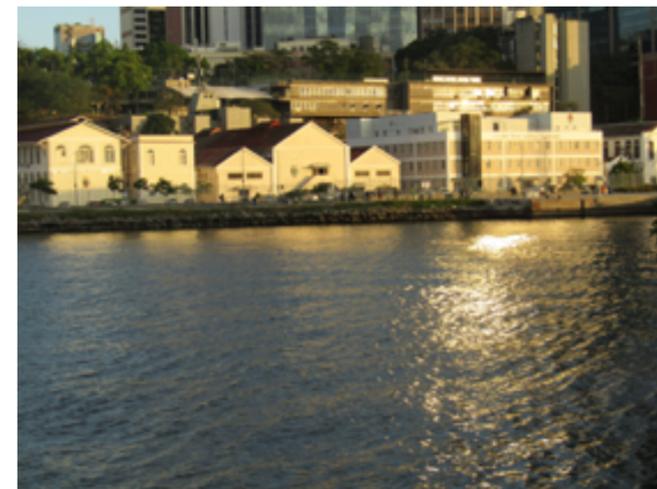
A Pequena Escola de Fotografia é um projeto voluntário de educação que está em operação desde março de 2019 na Casa Amarela Providência e se tornou um curso de extensão da Universidade Federal

Fluminense (UFF). Esse projeto visa o desenvolvimento criativo, pessoal, artístico e sensorial dos jovens por meio da arte e da fotografia. Entendemos a fotografia como janela para reflexões, diálogos e encontros. O objetivo principal do projeto é incentivar a produção de imagens de forma criativa, despertando o interesse e a curiosidade pela arte. Estimulamos os jovens a refletirem sobre si mesmos, sobre sua comunidade, suas sensações e disponibilizamos as ferramentas para que se apropriem delas e criem suas próprias narrativas.

As fotografias foram feitas por: Andressa, Bia, Caio, Chiquinho, Choco, Dodô, Duda, Dudinha, Leo, Lucas, Manu, Rayana e Richard.

@coletivojovensdalua
@casaamarelaprovidencia







REGIÃO PORTUÁRIA HOJE Pré-Vestibulares da Região Portuária do Rio

Projetos de educação popular Machado de Assis, Providenciando o Futuro e Marielle Franco atuam muito além da inserção do morador na universidade.

Os cursos de pré-vestibulares atuantes na região portuária são peças fundamentais para o desenvolvimento educacional de jovens e adultos que desejam ingressar no ensino superior. Fundado em 2008, o Machado de Assis funciona da Igreja do Livramento e traz consigo o aspecto da militância. O Providenciando surgiu a partir da ONG de mesmo nome fundada para atender mulheres grávidas e jovens de comunidades cariocas em situação de risco. Localizado em Santo Cristo, realiza o trabalho social e educacional há uma década. Já o Marielle Franco, fundado em 2018, tem o nome da vereadora e ex-aluna de um pré-vestibular social que se tornou símbolo de luta e resistência mundialmente. Conheça a história dos projetos de educação popular da região.

Machado de Assis

por **Kim Ramos, morador do Morro da Providência e coordenador do curso**

O pré-vestibular Machado de Assis nasce num momento muito difícil no Rio de Janeiro, em meados de 2008, quando aqui no centro da cidade havia muitas ocupações urbanas. Naquele momento, o movimento social se articulou para fortalecer as ocupações. A galera percebeu que um dos projetos que precisava ser tocado aqui em cima do morro, não para cobrir a falta

do Estado, não, mas porque a nossa luta pelo espaço urbano precisa das favelas. Foi quando criaram os Projetos de Educação Popular na Providência. Desde o começo, o projeto tinha como visão, através do espaço de educação popular, construir formas de articulação de moradores e moradoras. Em 2012, compusemos a comissão de moradores, que estava lutando contra as remoções habitacionais na região naquela época. A nossa sala de aula virou local para assembleia de moradores. O objetivo principal do pré-vestibular é a inserção de moradores. Por isso, trabalhamos eventos na região, trabalhamos com grupos de formação comunitária, entre outros projetos sociais.

Neste ano, estávamos em processo de conseguir nossa sede, o que é importante para um projeto social comunitário. Funcionamos na Igreja do Livramento, mas sabemos como é importante ter uma sede, principalmente num momento como o que estamos vivendo.

Providenciando o Futuro

por **Luciano Castro, coordenador e representante do pré-vestibular**

O Providenciando o Futuro, que cuida do pré-vestibular comunitário, está associado à instituição Providenciando a Favor da

Vida, uma ONG que existe há praticamente dez anos e tem como ação principal ajudar jovens e gestantes com a presença de especialistas, orientações e outras ações. A ONG nasceu com o compromisso social de atender e dar assistência a meninas gestantes. Em 2014, recebemos patrocínio de uma empresa da região e criamos o pré-vestibular. A princípio, o objetivo era atender as jovens, mas a realidade era que muitas delas não tinham o ensino fundamental, nem tinham tempo para se dedicar a horas de aulas presenciais. Elas não aderiram muito. Então, a estratégia foi abrir para jovens e adultos da comunidade e hoje funcionamos desse jeito: atendendo jovens e adultos da região portuária.

Marielle Franco

por **Matheus Rodrigues, coordenador de comunicação do curso**

O projeto nasce de um grupo de pessoas da Igreja Batista do Caminho que tinha vontade de colocar suas ideologias em prática com um projeto de impacto direto na vida de jovens por meio da educação. Esse projeto se conformou como o pré-vestibular, também a partir das competências que as pessoas envolvidas tinham: professores e pessoas com um histórico na educação. A partir daí, foi decidido o território onde o projeto iria atuar: a região portuária do Rio. Em 2019, trabalhamos com a perspectiva de ter 60 alunos em sala, porque era a nossa limitação física de carteiras. Além disso, nós também temos uma preocupação com a cultura. Pensamos saídas culturais e rodas de conversa, trazendo debates relevantes para a sociedade. Também estamos contando recentemente com o apoio da psicóloga Gabriella Morena, o que nos leva a pensar que os impactos que o pré-vestibular tem causa-

Os projetos de educação popular atuam em um quesito fundamental para o cidadão que se insere no ensino superior: a formação cidadã

do na vida do aluno vão além do acesso à educação em si. Se pudermos empoderar esses jovens de alguma maneira com mais direitos, mais acesso e mais oportunidades, nós faremos.

Formação Cidadã

“Nosso objetivo não é apenas passar pessoas para a universidade”, declara Kim Ramos, coordenador do Pré-vestibular Comunitário Machado de Assis, atuante há 15 anos na região portuária do Rio e responsável pela aprovação de jovens locais para universidades públicas do estado. Mas além de aulas de matemática, história, física e outras disciplinas obrigatórias no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), os projetos de educação popular Providenciando o Futuro, Machado de Assis e Marielle Franco atuam em um quesito fundamental para o cidadão que se insere no ensino superior: a formação cidadã.

“Nós realizamos rodas de conversa, visitas a museus e outras atividades que partem de uma postura dos próprios professores de promover uma formação cidadã. Porque, além do acesso ao ensino superior, nossa ação nunca foi somente o vestibular. Há, de certa forma, um cuidado com a formação política. O aluno entender os direitos que tem e por que as coisas são como são. Nós causamos esse impacto para além do acesso”, declara Matheus Rodrigues, coordenador de comunicação do pré-vestibular Marielle Franco.

Os Desafios da Pandemia

Num contexto de pandemia, os pré-vestibulares se depararam com diversos desafios, como a dificuldade de acesso à internet por cerca de 90% dos alunos, as interferências e dificuldades de concentração no ambiente doméstico e a ansiedade gerada pelo momento turbulento. A aluna Adriana, de 32 anos, passou para a Faculdade de Letras da UFRJ após um ano letivo no pré-vestibular Machado de Assis em 2014. No meio do percurso, surgiu o desejo de se tornar defensora pública e retornou à sala de aula para

Além do acesso ao ensino superior, nossa ação nunca foi somente o vestibular

prestar vestibular para a faculdade de direito. Moradora da Gamboa há 15 anos e mãe de quatro filhos, Adriana conta que a ansiedade foi um fator muito presente nos primeiros meses de isolamento e nas dificuldades de estudar para o Enem. “Eu tive muita ansiedade e dificuldades para estudar por conta da pandemia. Eu estava enlouquecendo dentro de casa. Como pensar em voltar a estudar se eu estou surtando? Um tempo depois, eu conversei com a coordenação do pré-vestibular para voltar a me organizar. Devagarzinho, eu fui voltando. Agora eu criei uma rotina para mim e meus filhos dentro de casa, principalmente para o neném que acabou de chegar.”

A psicóloga Gabriella Morena trabalha oferecendo atendimento aos alunos do Marielle Franco desde o início do isolamento e alega que as queixas mais frequentes dos jovens são relacionadas à ansiedade, ao desânimo e à falta de concentração. Outras questões permeiam, como as relações familiares transformadas com o confinamento em ambiente doméstico – às vezes, são muitas pessoas dentro de uma mesma casa e a perda do ambiente de conforto adequado para estudo proporcionado pelo pré-vestibular. “Algumas questões que surgem no atendimento precedem o contexto da pandemia, relacionadas a ansiedades com o futuro, a uma elaboração em relação ao Enem. Mas especialmente a incerteza do cenário, o adiamento do Enem e a migração das aulas para o on-line também geram ansiedades”, comenta a especialista.

“Ao mesmo tempo que existe uma construção da possibilidade de estar no ambiente universitário, são muitos os empecilhos e as barreiras materiais que se impõem, trazendo dificuldades e desafios”, conclui Morena.

REGIÃO PORTUÁRIA HOJE

Libertem

Nosso Sagrado



Ver o nosso sagrado em um local que não seja dentro da polícia é uma coisa maravilhosa

A campanha que resultou na libertação de cerca de 200 artefatos religiosos do Museu da Polícia Civil é apenas o primeiro passo a caminho da descriminalização histórica das religiões de matriz africana.

Em agosto deste ano, mais de 200 artefatos sagrados de religiões de matriz africana, apreendidos pela polícia entre 1889 e 1945, foram libertados do Museu da Polícia Civil. A resolução prevê que os objetos sejam encaminhados para o Museu da República, no bairro do Catete. Os artefatos foram recolhidos em um contexto em que o Código Penal legitimava a intolerância religiosa. Em 2017, uma comissão formada por políticos, líderes, comissões e integrantes do movimento negro criou a campanha Libertem Nosso Sagrado, que resultou na tão esperada recente libertação. Gestores de espaços e projetos culturais da região da Pequena África falam para o *Jornal dos Vizinhos* sobre a memória das religiões afro-brasileiras e o desejo de retorno dos artefatos sagrados para a região que carrega a herança ancestral da cidade.



Gracy Mary Moreira

Bisneta de Tia Ciata e gestora do espaço cultural Casa da Tia Ciata, localizado a 60 metros do Cais do Valongo

Os artefatos sagrados foram para um local temporário, no Museu da República, mas o lugar deles é perto do Cais do Valongo, onde temos de ter um Centro de Referência do Cais. Esse centro de referência precisa ser construído e será importante não só para nós, que fazemos o Circuito Cultural da Herança Africana, mas também para o Brasil e para o mundo, porque todos verão aqui a referência que nos faz brasileiros, que nos faz afrodescendentes. Essa cultura milenar tem de estar exposta num local de referência – e eu penso que vai contribuir muito para as pessoas poderem se reconhecer e ver como o ser humano foi tratado aqui e como não queremos que isso aconteça novamente.

A campanha Libertem Nosso Sagrado foi construída, e precisa continuar sendo feita, a passos largos, porque essa luta vem de longe e foi reforçada agora. Ver o nosso sagrado em um local que não seja dentro da polícia é uma coisa maravilhosa. O próximo passo agora é ter nosso centro de referência, colocá-lo em um lugar adequado. Eu acredito que os nossos ancestrais estão felizes pela atuação de toda a equipe sobre a campanha. Eu me lembro de Mãe Beata de Iemanjá e toda sua trajetória para identificar os artefatos e sua relação com a causa.

Eu fico muito feliz e agraciada com as atitudes que nossos pares estão fazendo para mudar o quadro que é gravíssimo no Brasil, com o racismo velado a todo momento.

Essa libertação do nosso sagrado nos encheu de alegria, porque a gente vem sofrendo represálias há décadas



O resgate desses artefatos é um resgate da história do povo preto, dos candomblecistas e da nossa história inteira



Mãe Celina de Xangô

Mãe de santo, presidente do Centro Cultural Pequena África e cofundadora da Lavagem do Cais do Valongo

Essa libertação do nosso sagrado nos encheu de alegria, porque a gente vem sofrendo represálias há décadas. Libertando esses artefatos da nossa religiosidade é como se estivessem tirando nossas amarras. Essa libertação foi muito importante para todos nós, para nossa realidade e para os nossos orixás.

Retirar esses artefatos de um lugar que não tem representatividade alguma, dar nomes e tirar a demonização da nossa religião e do nosso culto de matriz africana já nos deu um certo alívio. Agora precisamos dar um local adequado para eles. Só do nosso sagrado ser libertado da sede da Polícia Civil já me deixou muito feliz. Era do desejo de Mãe Beata de Iemanjá que essa libertação tivesse sido feita há mais tempo, e ela não chegou a ver. Mas esse trabalho não terminou, não. É só o começo.

A invasão dos terreiros é antiga. Não é nada novo. Sequestraram esses objetos do nosso sagrado muito tempo atrás. Nós vemos aí dois tipos de agressão: o racismo religioso e a intolerância religiosa. Eu penso também que seja um avanço, que esse projeto avance e que a gente tenha novas conquistas, como um espaço, um memorial para colocar esses objetos.

Temos de pensar nisso, temos de ter ideias para que as coisas avancem. A teoria é muito linda, mas precisamos começar a praticar o que se fala. Esse projeto Libertem Nosso Sagrado tem de contar com a gente mesmo. Aqui na região portuária tem tanta casa vazia, tem tanto local vazio, é impossível ter um local para colocar essas peças?! Há artefatos sagrados guardados no galpão da Gamboa que foram içados do Cais do Valongo. Eu venho lutando por esse espaço. Eu vivo falando sobre esses objetos porque é uma história nossa. Se não fosse essa história, nós não estaríamos aqui lutando e trabalhando tanto.

É tudo muito contraditório. A gente tem quase dez anos de revitalização, quase dez anos de escavações e dez anos que esses objetos estão trancados em um lugar sem ninguém ter acesso. É muito doido! Daqui a pouco vai prescrever o período de tratamento daqueles objetos e tudo pode ir para o lixo. Então, a nossa história fica 300 anos no fundo do subterrâneo, vem para a superfície e até hoje não ter um lugar para colocar essas coisas é muito doido.

Às vezes, eu passo por chata, mas não é chatice, é a nossa realidade. Porque se não valorizarmos isso agora, daqui a pouco nós não teremos mesmo um lugar onde esteja a nossa história preta. Um lugar para isso tudo é o mínimo. E, esse sagrado que foi liberto, eu quero pensar

que seja um grande termômetro para que alguma coisa seja mobilizada e que alguém do poder público se sensibilize com a história preta da escravidão, a história desse racismo.

Não precisamos de uma mansão para colocar a história preta. Precisamos ter um lugar decente que valorize essa história. Não precisa ser mirabolante, apenas um local onde as pessoas possam transitar e ver ali essa nossa história e esses objetos que estão trancados sendo tratados, catalogados. Não precisa de trilhões de dinheiros para fazer determinadas coisas.

As nossas ideias precisam ser ouvidas, precisam ser construídas. Porque quando você bota para fora o seu pensar, já é uma forma de materializar. Nós precisamos de fortalecimentos, porque tem vários espaços na região portuária e precisamos fazer essa articulação para fortalecer a voz da cultura preta.

Cosme Filippesen

Morador do Morro da Providência, guia de turismo e fundador do Rolé dos Favelados

A recuperação dos artefatos sagrados não só contribui para o Circuito Cultural da Herança Africana, mas também para a própria religião e para as nações de candomblé e umbanda porque sabemos que eles não têm sua história registrada em livros nem na educação formal brasileira.

O Morro da Providência chegou a ter umas 40 casas de umbanda e candomblé, há cerca de 30 anos. Inclusive a Clara Nunes ia num terreiro de candomblé que existia numa parte de trás do morro, chamada Barão. No centro do Rio de Janeiro, na Rua Barão de São Félix, na frente do morro, era onde mais existia candomblé, principalmente no início do século passado. Hoje em dia, não tem um candomblé ali, mas tem, pelo menos, quatro igrejas evangélicas. Por isso eu te digo que o resgate desses artefatos é um resgate da história do povo preto, dos candomblecistas e da nossa história inteira. Porque o povo que não tem história não consegue andar para a frente e se reconhecer.

É importante para o circuito, para a história e para o pessoal do axé que tanto sofre, e é perseguido e marginalizado. Nós sabemos o histórico disso tudo. O Brasil foi o país que mais escravizou e foi o último país a abolir a escravidão.

Foi uma luta terrível para tirar o sagrado da mão de militares, do governo militar. Tirar daquele lugar o que é de terreiros antigos do Rio de Janeiro, que pertenciam a autoridades religiosas que talvez já tenham morrido e não conseguiram ver o seu sagrado resgatado, foi de suma importância. Além de indivíduos armados entrarem em terreiros hoje em dia e quebrar tudo, nós temos um Estado que agia assim tempos atrás – e não é porque libertou o sagrado que deixou de agir assim. Nossos presídios são cheios de igrejas, mas só tem uma pessoa de candomblé que pode entrar e fazer seu trabalho religioso também. Isso nos prova que existe um sistema muito forte que não está agindo para todos, mas sim para um grupo determinado e com uma fé fundamentalista.

Muitas dessas pessoas não conhecem Cristo, porque Cristo é amor. E Cristo não vai deixar a gente quebrar e destruir o terreiro de ninguém. Quando o Estado prende o sagrado de uma religião, de um povo, isso é mais do que uma intolerância religiosa. É um racismo religioso. Porque não prenderam o sagrado de judeus, ou de budistas, ou de evangélicos. Prenderam o sagrado de um povo ainda perseguido. O samba desse povo foi perseguido. O funk hoje em dia é criminalizado.

Por mais que eu seja protestante, eu não posso de forma nenhuma compactuar com os fundamentalistas. Sou favelado, negro, neto de uma rezadeira, a dona Geralda, que cuidava de porcos e era macumbeira também.

É importante para o circuito, para a história e para o pessoal do axé que tanto sofre, e é perseguido e marginalizado

Circuito Cultural Pequena África



Gestores dos espaços culturais e projetos integrantes do Circuito Histórico e Arqueológico de Celebração da Herança Africana falam sobre a importância da preservação da memória e a turistificação do circuito.

A região portuária do Rio de Janeiro, também conhecida como Pequena África, termo cunhado por Heitor dos Prazeres no início do século XX, carrega a herança histórica africana brasileira. Duzentos anos após o início do desembarque de negros escravizados no Cais do Valongo, em 2011 foi criado o Circuito Histórico e Arqueológico de Celebração da Herança Africana. O decreto municipal incluiria, finalmente, a região portuária no roteiro turístico da

cidade, transformando espaços marcantes para a história afro-brasileira em áreas de visitação com informações não só para turistas de todo o mundo, mas para alunos de escolas e universidades, e principalmente para os moradores.

O Cais do Valongo, desaterrado durante as obras de reurbanização da região portuária do Rio em 2011, passa a ser o principal marco da história da diáspora africana e da formação social brasileira, tornando-se Patrimônio Mundial da Unesco, em julho de 2017, por ser o único vestígio material da chegada de africanos escravizados nas Américas. O cais é uma das partidas para a criação do circuito, que se inicia a partir de sete pontos principais: Cais do Valongo, os Jardins do Valongo, a Pedra do Sal, o Largo

do Depósito, atual Praça dos Estivadores, o Instituto Pretos Novos, a Praça Mauá e o Centro Cultural José Bonifácio, mas transborda esses espaços com a criação de projetos e o desenvolvimento de atividades na região.

Durante a pandemia da covid-19, espaços integrantes do circuito precisaram adaptar-se às novas realidades e planejar uma retomada pós-pandemia, que fechou instituições e paralisou atividades culturais desde março deste ano. A seguir, contaremos um pouco sobre a história de alguns pontos integrantes do circuito e os planos de atividades e retomadas de espaços e projetos culturais, como a Casa de Tia Ciata, o Centro Cultural Pequena África, o Instituto Pretos Novos e o Rolé dos Favelados.

Casa da Tia Ciata

Nossa primeira parada é na Casa da Tia Ciata, localizada na Rua Camerino. Gerido por Gracy Mary Moreira, bisneta de Tia Ciata (1854-1924), o espaço cultural reúne o acervo da matriarca do samba e registros históricos. Era na Casa de Tia Ciata que se reuniam figuras como Pixinguinha, Donga e João da Baiana para as rodas de batuque africano. Atualmente, o espaço cultural recebe oficinas de jongo, canto, capoeira e percussão para promover a movimentação cultural. “Com uma exposição permanente, nós mostramos a trajetória da Tia Ciata e realizamos outras ações como roda de samba, a vivência do jongo nesse local, a capoeira com o maculelê, mas todas as ações são norteadas pela vivência do tambor. As visitas são feitas às terças, quintas e sextas-feiras. Em alguns sábados, nós fazemos a vivência do jongo e a oficina de percussão, e levamos os projetos da casa para as escolas”, relata Gracy Moreira.

A última atividade presencial realizada na casa foi no dia 14 de março. Com a pandemia, passaram então a trabalhar virtualmente, fazendo oficinas pela internet. “Nós queremos muito voltar a funcionar com toda a segurança. Estamos buscando, mas até agora não temos recursos.”

Nós recebemos pessoas do mundo todo, inclusive antes de fechar as portas, recebemos visitas de turistas da Inglaterra, dos Estados Unidos e de outros estados brasileiros, como Rio Grande do Sul, Bahia e Sergipe. As pessoas já chegam aqui direcionadas a conhecer a história, querendo saber como o samba evoluiu, como as atividades da baiana se perpetuaram. Porque a Tia Ciata foi a iniciadora das mulheres vestidas de baianas, das baianas de terreiro e mobilizou muitas pessoas. A Casa da Tia Ciata, na nossa região da Pequena África, é de suma importância para o conhecimento das pessoas e para o desenvolvimento de talentos como os que surgem das rodas e das oficinas de percussão”, conclui Gracy Moreira.

Centro Cultural Pequena África

Localizado no Jardim Suspenso do Valongo, o Centro Cultural Pequena África é uma ONG com o objetivo de pesquisar, resgatar e difundir a história da região. Presidido por Mãe Celina de Xangô, o espaço se adaptou facilmente ao ambiente virtual.

“Veio a pandemia e tivemos de fechar os portais. Mas ali nós tínhamos um bom trabalho de base. Quando você faz um bom trabalho de base, seu trabalho não vai se corroer. Nós recorremos à tecnologia, que nos ampara nesse momento e nos ajuda a não fechar as portas totalmente nesse momento pandêmico. Em um mês de pandemia, eu já estava dominando as redes. Estamos desenvolvendo diversas atividades na internet e estamos indo bem”, relata Mãe Celina ao contar sobre as lives e as atividades que desenvolve nas redes sociais desde o fechamento do centro cultural, em março.

A procura pelo Centro Cultural Pequena África e as visitas de alunos e turistas são fundamentais para a região e para os espaços ao redor. Ali, no espaço, são realizadas atividades como a Oficina de Ervas, realizada por Mãe Celina, entre outras ações, com o objetivo de valorizar a história da região, além de tocarmos um projeto que pretende expor materiais revelados a partir das escavações do Cais do Valongo.

“É tão bom podermos contar e recontar a nossa história para quem vem de fora, para os turistas que vêm. E quem tem de fazer isso somos nós. O brasileiro mesmo que vem visitar o centro cultural sabe muito pouco da história do Brasil. Nem mesmo os cariocas sabem da história real da região portuária, da Pequena África”, relata Mãe Celina.

É tão bom podermos contar e recontar a nossa história para quem vem de fora, para os turistas que vêm. E quem tem de fazer isso somos nós

Instituto Pretos Novos

“Pretos Novos” era como chamavam os escravizados recém-chegados ao Brasil. Muitos não resistiram aos maus-tratos e más condições a que eram submetidos nas viagens e desembarcavam muito doentes ou chegavam mortos. O sítio arqueológico foi descoberto em 1996, enquanto moradores da casa (que se tornaria o instituto) reformaram o terreno. Hoje, a casa gerida por Merced Guimarães oferece cursos e oficinas e funciona como centro cultural, recebendo visitas de escolas e realizando guiamento pela história da escravidão brasileira a partir da região.

Fechado desde março, o Instituto Pretos Novos (IPN) pretende retomar suas atividades apenas quando for seguro para o público. “Nossa retomada será muito aos poucos. Vamos precisar botar muito mais gente para trabalhar aqui no IPN para poder abrir com segurança. Teremos de ter alguém na portaria para medir a temperatura. Nós já temos todos os equipamentos, mas precisaremos de recursos para contratar a mão de obra”, comenta a presidente do IPN.

Rolé dos Favelados

Parado desde o início da pandemia, o Rolé dos Favelados tem seu primeiro pulso de vida quando o Morro da Providência completava seu centenário, em 1997, e, na festa, um casal de estrangeiros perguntou a Cosme Filippesen, fundador do rolé, se ele podia guiá-los pelos becos e vielas da favela. Cosme tinha 8 anos e recebeu seu primeiro pagamento em picolé. Com o tempo, em 2015, formou-se como guia de turismo e fundou o projeto de guiamento turístico pela região portuária ao lado de Gizele Martins. O guiamento começa pela Providência e já trouxe mais de 7 mil pessoas de todo o mundo para conhecer a história da região.

“Um dia antes de o governador decretar a quarentena eu já tinha suspenso os grupos, e, desde então, não fiz mais nenhum guiamento, nem mesmo on-line. Tenho participado de alguns grupos para a articulação de guiamentos on-line, mas isso ainda não se concretizou. Alguns guias já retornaram. O Cristo Redentor abriu e alguns outros circuitos também. Os guias do Santa Marta já se reuniram e liberaram o guiamento em grupos menores. Mas nós aqui estamos pensando na melhor maneira de retomar o rolé, uma maneira mais segura”, relata Cosme sobre a retomada do Rolé dos Favelados no contexto da pandemia.

O processo de turistificação da região sem o envolvimento do morador com o circuito e a economia gerada com essas movimentações é pontuado por Cosme com preocupação. “Eu fico muito preocupado porque o pano de fundo de todas essas transformações na região é o Porto Maravilha. E nós sabemos as implicações negativas de remoções e outras questões que envolvem esse projeto do porto. Lembro de dizerem que a Zona Portuária seria a nova Zona Sul, mas nós percebemos que a verba que circula aqui não é investida na população e isso me preocupa”, conclui.

Ampliação do Circuito

O circuito cultural transborda a região da Pequena África. A lei estadual nº 8105/2018 prevê a extensão do Circuito da Herança Africana para o interior do estado fluminense. “A cidade toda tinha de ter um grande circuito cultural. Em 2008, reunimos um grupo de pessoas – entre políticos, arqueólogos e outros especialistas – para construir a lei do Circuito da Herança Africana do estado do Rio de Janeiro inteiro. A Pequena África é o início e a entrada para esse circuito que se espalha por todo o estado. O circuito deve incluir Paraty, Marambaia outros locais”, comenta Merced Guimarães.

No entanto, o empenho das autoridades no entendimento do circuito cultural como um bem e um direito da humanidade ainda é pequeno. Moradores da região alegam não enxergar o retorno do investimento na região em ações para os moradores, como as construções de moradias e o fomento à cultura local.

O guiamento começa pela Providência e já trouxe mais de 7 mil pessoas de todo o mundo para conhecer a história da região



Precisa-se de vizinhos

por Raphael Vidal

Há sete anos estávamos no auge do projeto do Porto Maravilha. As obras de infraestrutura deram uma nova aparência urbana para a região portuária, esquecida por muito tempo pelo poder público. Para além do Boulevard Olímpico, da Orla Conde e dos novos museus, os bairros da Saúde, da Gamboa e do Santo Cristo – e seus morros da Conceição, da Providência e do Pinto – respiraram ares similares aos da Era de Ouro do Rádio nos anos 1930. A efervescência cultural transbordou pelo território, avançou pela cidade: e (sem exagero) pelo mundo. Blocos de carnaval, quituteiras tradicionais, imóveis históricos, festas populares, escolas de samba, projetos sociais... os bens materiais e imateriais preservados da Pequena África se tornaram conhecidos do grande público. Estávamos na mídia como um exemplo positivo de administração da nossa própria história. Entramos no mapa do turismo nacional e internacional, empresas começaram a ocupar prédios inteiros, driblamos a especulação imobiliária e conseguimos fazer com que boa parte da movimentação financeira local ficasse para os atores regionais.

Enquanto isso tudo acontecia, fui convidado para ser o produtor cultural do Museu de Arte do Rio e aceitei o desafio: como morador, um dos movimentos que abracei foi o de nos aproximar. Foram poucos meses até eu sair para criar a Casa Porto, mas suficientes para poder afirmar que, naquela época, nós – os vizinhos – pudemos nos conhecer. E isso trouxe para a região portuária uma noção de pertencimento comunitário. O que acontecia na Praça Mauá era vivido pela Praça da Harmonia. A vida da Praça Américo Brum era frequentada pelo Largo de São Francisco da Prainha. Estávamos todos conectados. De ponta a ponta éramos uma só coletividade. O ontem encontrava o amanhã.

Passados os anos a realidade é outra, infelizmente. A filosofia política mudou e, junto com ela, os modos de viver a cidade. Nos dividimos em polos de extremismo e o espírito de pertencimento que nos unia hoje rompe com nossos laços de urbanidade. A cordialidade não é mais uma cultura, é um esforço. O projeto que trazia um respiro hoje nos sufoca. Ora, já estávamos

A filosofia política mudou e, junto com ela, os modos de viver a cidade

vivendo uma ruptura civilizatória quando a pandemia acelerou o desastre previsto. A região portuária atualmente tem sob si uma Perimetral simbólica, espectro que como metáfora torna nosso dia a dia uma sombra do que fomos.

Longe dessa crônica ser um anúncio da tragédia do nosso cotidiano, ela é um apelo. Somente passaremos pelos efeitos desse histórico se voltarmos a nos aproximar. Mas, para isso, temos de criar novos modos de estar juntos. Criatividade e solidariedade são os dois eixos de um recomeço que tem como ponta da pirâmide um conceito: vizinhança.

A região portuária precisa de vizinhos.

Percursos Formativos

O processo

Descaso, abandono, história: essas são as palavras que ecoam nos textos e nas imagens construídos com plena liberdade pelo grupo de jovens participantes do curso Percursos Formativos Online 2020, oferecido pelo Museu de Arte do Rio (MAR). A partir do convite realizado pela Escola do Olhar, os jovens se engajaram em construir suas narrativas sobre o território vivenciado. Todo o processo, do tema à forma, foi decidido pelo grupo. Ao encontrar a temática coletiva, que visibiliza o incômodo da juventude sobre o tratamento da história da região, cada integrante buscou encontrar sua própria linguagem. Entre reportagens, fotografias, comic strips, colagem, conto e poesia, dar-se a ver as subjetividades, perspectivas e partilhas de futuro.

Bruna Camargos
Coordenadora pedagógica do
Percursos Formativos 2020

O descaso com a história

Por João Lucas Valdevino da Silva
e Vinícius de Melo Andrade

Mais de 1 milhão de peças arqueológicas do período da escravidão estão sem proteção em um galpão na Gamboa. Todo o material que foi encontrado nas obras de revitalização da região portuária sofre com o malcuidado. Os problemas causados por esse ambiente são a degradação estrutural, perdas de partes, danos nas obras causados pela umidade e temperatura altas como oxidação e corrosão dos metais, ataque biológico nas peças de materiais orgânicos, fungos e sujidade generalizada que provoca a perda de informações importantes e mudanças nos suportes.

Outro fator é a perda de informação das obras que possam ser separadas. O Cais do Valongo, no Porto Maravilha, foi declarado Patrimônio Histórico da Humanidade em 2017, por ser um dos mais importantes sítios da memória da escravidão. Oito anos após a descoberta, cerca de 1,3 milhão de peças encontradas no sítio arqueológico estão encaixotadas em um galpão na Gamboa. Ao que tudo indica, o material irá para o Museu da História e Cultura Afro-Brasileira (Muhcab). Outros dizem que vai para o Galpão Docas D. Pedro II. Porém, esse material ainda vai continuar em local inadequado até ir, e se for, para um dos locais. Enquanto isso, peças como escovas de dentes, tesouras, talheres, pequenas miçangas de pedras e até búzios usados pelos escravizados, além de material náutico (balas de canhão e parte de navios), estão expostos a mofo e inundações.

Título pode ser perdido

O Brasil teria até 2020, segundo a Unesco, para a construção do laboratório e de um Centro de Interpretação da Herança Africana, que dê conta do valor simbólico e educativo do patrimônio. Se não o fizer, pode perder o título de Patrimônio da Humanidade. Contudo, a pandemia deu um ar para os responsáveis, mas não dará tempo aos objetos.



Foto: Luiza Silva

Ilustração: Mona





Colagem Virtual "Quem disse que a pequena África é pequena?" @nabee.art

História esquecida?

Por Catarina Macêdo e Lorena Oliveira

Patrimônio tombado em 1938 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) como exemplar arquitetônico, a Casa de Banho Dom João VI está inacessível para a população por diversos fatores estruturais, demonstrando o descaso com a história na região portuária.



Foto: Lorena Oliveira

Localizada no bairro do Caju, a Casa de Banho Dom João VI é um casarão do início do século XIX.

Área de muitas belezas naturais, o Caju foi a primeira região de banho de mar do Rio, momento em que a Baía de Guanabara possuía águas limpas e cristalinas. Seguindo recomendações médicas, para a cicatrização de feridas no corpo, D. João VI, na época monarca do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, passou a ser frequentador assíduo da praia do Caju, utilizando a casa para repouso após o banho medicinal. A localidade, que passou a ser chamada de Chácara Imperial Quinta do Caju" entrou para a história com a alcunha Casa de Banho Dom João VI. Na década de 1970, com a construção da Ponte Rio-Niterói, a praia do Caju desapareceu e, com ela, a atividade pesqueira, devastada pela expansão do porto.

Em 1985, o casarão foi restaurado pelo Iphan, mas nenhum projeto público foi levado à diante. Com a ociosidade do espaço, a localidade foi ocupada por famílias sem-teto. Ao longo de anos, o espaço foi lembrado apenas pelas famílias destituídas de moradia. Em 1996, numa nova tentativa de recuperação, o prédio foi outra vez restaurado com o auxílio da Companhia Municipal de Limpeza Urbana (Comlurb), passando a abrigar o Museu da

Limpeza Urbana, que abriga materiais relativos à história da coleta de resíduos e lixo na cidade. As tentativas frustradas de recuperação e abertura do espaço ao público, somadas ao medo da violência – que fez com que o busto de bronze de Dom João VI fosse levado para o interior do museu, já que a placa de sinalização foi alvejada por tiros –, revelam a incapacidade de ação do poder público.



Foto: Lorena Oliveira

Em vez de servir como ambiente de história e educação, desde 2012 a Casa de Banho de Dom João VI permanece fechada para visitação por falta de verba. Atualmente, o museu funciona como uma espécie de estacionamento para carretas e lixo a céu aberto; sua pintura está descascada, janelas quebradas e há pichações por toda parte. Moradores da região buscam visibilidade para reabertura e restauração, mas a solução não passa de promessas.



Foto: Lorena Oliveira

Assim como a Casa de Banho de Dom João VI, no Caju, o abandono também fica evidente no bairro do Santo Cristo. Quando as obras para o VLT Carioca começaram, foram encontrados vários artefatos de séculos passados enterrados no chão. Grande parte desses objetos está hoje em um galpão na Vila Olímpica da Gamboa, porém em estado duvidoso de conservação e inacessível ao público. Esses objetos têm tamanha importância porque contam,

por si só, a história do povo que aqui vivia. Grande parte dessas pessoas eram negras, então isso se torna ainda mais forte no momento que estamos, dada a urgência de recontar e recolocar a história da população negra por tanto tempo invisibilizada.

Tentamos entrar em contato com os responsáveis, fomos ao local na tentativa de encontrar respostas sobre o destino, os planos e a atual situação do material que revela perspectivas importantes da realidade social brasileira e o tratamento de sua história. Nossa entrada no local não foi permitida, informações desencontradas quanto às responsabilidades da guarda do material, destino e estudos implementados. Um empurra-empurra de informação, com competências variadas, desde governo federal, particulares, prefeitura, organizações da sociedade civil. Possibilidades de nomes foram citados sem confiabilidade da informação ou indícios objetivos do destino, dos usos e da preservação dessa memória.



Foto: Luiza Silva

A pergunta, ainda, paira no ar: com quem está o cuidado desses objetos e o que acontecerá com eles? O incômodo permanece. Torcemos para que esses objetos se tornem bem cuidados e a história que eles possuem sobre a nossa amada zona portuária seja vista e contada. Pedimos o mesmo para as autoridades sobre a Casa de Banho de Dom João VI: que seja preservada e reaberta para visita pós-pandemia. Não queremos que a história com grande esforço revelada, seja mais uma vez apagada.

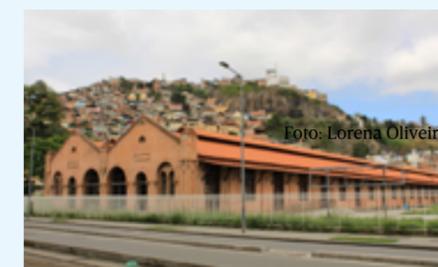


Foto: Lorena Oliveira

Foto: Luiza Silva



Fotos: Jey Mariana



Repasse para dar um passo

Por Walmir de Aguiar

A minha história desde sempre foi calada, como um gado que faz o trabalho e, no fim das contas, está comendo as sobras. Ouvi boatos que um irmão havia fugido do campo voando, se tornara reconhecido no externo por contar histórias de sua vida, entretanto não se reconhecia, sua origem era um pequeno desfalque de censura própria e externa. Nesta condição não se sentia bem, pois tinha muitos dos seus no campo, enquanto comia bem e era feliz. Tentara puxar holofotes em uma tentativa de prestigiá-los, mas um grupo que não se reconhece ou é recaído em ciclo egoísta tende a se ver impossibilitado de contar a própria história e não ver o valor que tem. O pobre animal começou a questionar-se. Logo vira que somente ele, sendo um dos seus, tem condições de contar sua própria história. Pois bem, como ele voava, os outros também podiam. A perpétua rotina de não se sentirem potentes e permitidos(a voar). Enfim, o que o voo ensinara a um, em seguida esse um passou para outro e assim por diante, até todo gado aprender a voar. Repassando ideias para produzir, como a chuva que no hábito nutre a terra para a água não acabar.

Poema 10% de Revolta

Por Bruno Tavares

Abraço essa oportunidade para expressar
minha revolta...

A revolta de ver estrangeiros lucrando com
as dores da favela...

Sem nunca antes ter dado um rolê nela.

Me solta!

Quero externar, gritar, tá doendo.

Sofri um nocaute e me recuperei, vai vendo...

Não quero que meus irmãos sintam essa
dor toda vez que a polícia invade.

Por que temos que tirar nossa família da
favela para obter dignidade?

Não sou covarde.

Continuo na luta e luto por equidade...

Mas dizem que devo dar uma vida
de rainha para minha mãe e as irmãs
menores uma vida de princesa.

Assumir a responsa antes da idade...

Se eu concordasse com isso não
seria verdade!

Desejo que sejam simples mesmo, sabe.
Princípio de humildade.

Mais simplicidade e menos luxo.

É que estou cansado dessa vida de
escassez, miséria, ser enxuto...

Queria acordar, sem tomar susto.

Toda vez que a bala do fuzil atravessa
minha casa e estoura o tijolo sujo.

Porque morar na favela é difícil.

Morremos alvejados sem motivo.

Enquanto outros romantizam dizendo sem
ter vivido...

Ser bela, a favela...

Revoltada e escandalosa, mas sincera.
Pega fogo, entra em chamas e continua na
guerra!

Inflamada e calejada, continua subindo em
busca de paz, refrigério, um alívio.
Sair da bolha é uma meta, mas confundem
com destino.

Não, não pode ser!

Se acostumam, se sujeitam...

Eu me desvio e esquivo.

Sou um jovem sonhador e me confundem
com bandido.

Pra mim já chega, mas não sei o que fazer?
Devo ficar ou devo correr?

Essa é uma resposta difícil.

Então parei pra pensar nisso, escrevi
esse texto.

E quase morri com um tiro no peito.

Por isso estou revoltado

Querem acabar com meu direito de
pensar, estou ferrado!

Vou pegar esses ferros e construir
meu barraco...

Pra não pagar aluguel e ainda
"ser cobrado".

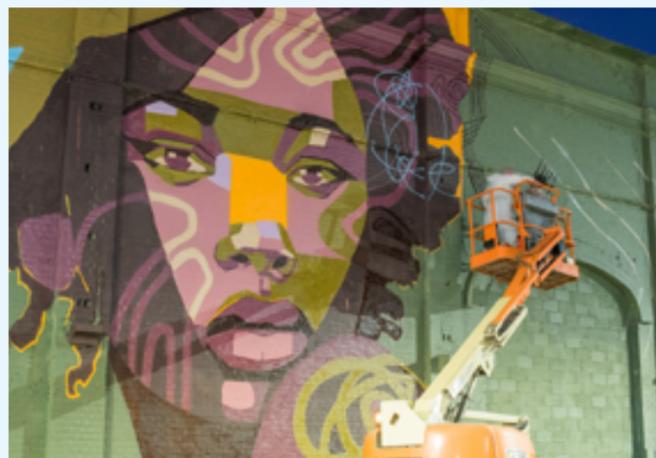
Não, não sirvo para essa tal mediocridade.

"É verdade esse bilhete."

Minha favela uma beldade!

Aumentando minha fé e positividade...

Para não ser só mais um nome na lápide.



Fotos: Dobby Oliveira

Arte urbana, território e oportunidade nas mídias sociais

Por Bruno Tavares

Sinto imensa satisfação em ser uma das pessoas responsáveis por movimentar a principal ferramenta que o *Rua Walls* utiliza para se comunicar com o público (Instagram) unindo três paixões pessoais: Arte urbana, mídia e desenvolvimento social. Por meio da capacitação, atividades e pessoas maravilhosas que compõem o Percursos Formativos 2020 no Museu de Arte do Rio, recebi a oportunidade de aprender sobre mídias sociais e intervir positivamente na gestão do Instagram do *Rua Walls*.

O Rua Walls será a maior intervenção artística da cidade do Rio de Janeiro.

Um projeto de arte pública, aberta e acessível. Serão 30 noites de pintura, uma experiência que une artistas de todo o país e a população local em um grande encontro de troca e aprendizado coletivo. A ação contará com a participação de 18 artistas que serão responsáveis por transformar 1,5 quilômetro dos muros dos armazéns da zona portuária, na Avenida Rodrigues Alves, em obras de arte, tornando a cultura mais ampla e acessível.

Mais do que uma ação estética, *Rua Walls* é um convite para um novo olhar sobre a região portuária: uma forma de destacar o potencial social, arquitetônico, artístico e econômico desse lugar único em sua pluralidade. Um evento que acredita que a rua e a arte são para todos.

Preocupado com questões sociais, o *Rua Walls* selecionou três jovens (entre eles, eu) do morro do Pinto e Providência para participar do curso de gestão de mídias sociais, aplicado pela Agência Narra, escola de jornalismo composta de 11 jovens periféricos talentosos (majoritariamente feminino e negro) e também selecionada pelo *Rua Walls* visando nos capacitar para auxiliar na gestão do Instagram do evento.

Em contato com esse projeto irado e seus artistas, pude entender a importância da arte urbana na sociedade, que me fez sentir orgulho e alegria em saber que entre os artistas convidados para deixar sua arte no *Rua Walls* estão residentes da zona portuária, como:

– Thiago Haule, morador da região, desenvolveu suas habilidades artísticas assistindo, dando suporte e aprendendo com produtores e artistas da cena urbana. Com humildade e respeito vem sendo reconhecido. Atualmente, suas obras estão espalhadas nas favelas e ruas da zona portuária, colorindo e ressignificando essas áreas. Ele diz: “Estou bem animado com a participação neste evento. Acompanho e participo da produção desde 2013, quando comecei como assistente de fotografia. Montei algumas galerias e estou na expectativa de participar deste festival interessante e trazer cor para

a região neste que será o maior painel pintado por mim até o momento, estou muito feliz”.

– Diego Zelota, fotógrafo, artista urbano, é cria do morro da Providência. Seu trabalho artístico e fotográfico retrata o contraste que há entre a favela e o asfalto com olhar periférico e consciente da realidade à sua volta.

– Agrade Camíz, curadora do Galeria Providência, cria da favela do Jacaré, produz intervenções na rua há nove anos, pintando murais, fazendo grafites, passando inicialmente pela pichação. Ela relata: “A arte urbana é um elemento fundamental para que o acesso à arte seja de fato democrático. Ela é o próprio acesso, tanto no fazer artístico quanto no caso do público que consome. Qualquer pessoa pode intervir na rua, pode passar e observar, é uma ferramenta social. Como, por exemplo, o grafite, que em seus territórios de origem, nos subúrbios, nas favelas, é sempre transformador de vidas, além de toda a transformação visual que pode proporcionar”.

Museu de Arte do Rio e Instituto Odeon

DIRETOR-PRESIDENTE

Carlos Gradim

DIRETOR DE OPERAÇÕES E FINANÇAS

Jimmy Keller

CURADOR CHEFE

Marcelo Campos

GERENTE DE OPERAÇÕES

Roberta Kfuri

COORDENADOR DE EDUCAÇÃO

Hugo Oliveira

COORDENADORA DE COMUNICAÇÃO

Rubia Mazzini

COORDENADORA DE CURADORIA E PESQUISA

Amanda Bonan

COORDENADORA DE MUSEOLOGIA

Andréa Zabrieszsch dos Santos

COORDENADORA DE PRODUÇÃO

Stella Paiva

O Olhar dos Vizinhos no Jornal da Zona

EDIÇÃO GERAL

Hugo Oliveira

Alice Corrêa

Priscilla Souza

PRODUÇÃO EDITORIAL

Alice Corrêa

REVISÃO

Iracy Corrêa

DESIGN GRÁFICO

Pedro Brucznitski

IMPRESSÃO

Rona Editora

COLABORADORES

Gabriel Catarina

Mestre Graúna do Porto

Pedro Guilherme Freire

Vladimir L. Santafé

Thayná Bonin

Ana Bia Novaes

Adriana Santos

Kim Ramos

Matheus Rodrigues

Luciano Castro

Gracy Mary Moreira

Mãe Celina de Xangô

Cosme Filippesen

Merced Guimarães

Raphael Vidal

COLUNISTAS

Raphael Vidal

Pedro Guilherme Freire

Vladimir L. Santafé

Elisa Carvalho

PARTICIPANTES DA OFICINA MOBGRAFIA

Douglas “Dobby” Oliveira

Elisa Carvalho

Anitta Bartholo

Felipe Alves

PERCURSOS FORMATIVOS 2020

Bruna Camargos (coordenação pedagógica)

Bruna de Almeida Santos, 19 anos,

Morro da Providência

Bruno Tavares, 22 anos, Morro do Pinto

Catarina Hosana Macêdo, 16 anos, Gamboa

Gabriel Almeida, 16 anos, Morro do Pinto

Jennifer Mariana, 20 anos, Morro da Providência

João Lucas Valdevino da Silva, 18 anos,

Morro da Providência

Lorena Oliveira, 18 anos, Caju

Luiza Silva Gonçalves, 19 anos, Morro do Pinto

Vinicius de Melo Andrade, 17 anos, Santo Cristo

Walmir de Aguiar, 16 anos,

Morro da Providência

AGRADECIMENTOS

Museu da República

Verônica Maria

Thayná Bonin e Ana Bia Novaes -

Coordenadoras Pequena Escola de Fotografia

Lucindo Germano

COMISSÃO EDITORIAL

Foram realizadas reuniões digitais do

Café com Vizinhos nos meses de junho,

julho e agosto e as pautas desta edição

foram desenhadas coletivamente com os

participantes do Café.

Jornal composto nas fontes **Akkordeon** e **Breve** e impresso pela Rona Editora sobre Papel Pólen 90 gramas. Outubro de 2020.

Museu de Arte do Rio
Praça Mauá, 5 — Centro,
20081-240
Rio de Janeiro - RJ
+55 21 3031 2741



MANTENEDOR



GRUPO GLOBO

PATROCÍNIO MASTER



PATROCÍNIO



PATROCÍNIO ESCOLA DO OLHAR



APOIO ESCOLA DO OLHAR



PATROCÍNIO ESCOLA DO OLHAR



APOIO



GESTÃO



CONCEPÇÃO E REALIZAÇÃO



REALIZAÇÃO

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA

MINISTÉRIO DO TURISMO

